

**DESCRIÇÃO DO FALAR EVANGÉLICO
DO RIO DE JANEIRO**

Nataniel dos Santos Gomes (UNESA)
natanielgomes@uol.com.br

O termo *jargão* tem sua origem na Idade Média, entre os séculos XII e XIII. Chaucer usava o termo para descrever o gorjeio dos pássaros, identificando-o como um tipo de discurso ininteligível, como um gargarejo. Em meados do século XVI, usava-se em inglês o termo *gibberish* (gorjeio) ou *gabble* (lengalenga) para designar o *jargão*, que já havia se espalhado por boa parte do mundo. Em português, utilizava-se o termo geringonça.

Espalhando-se entre várias línguas, o termo *jargão* passou a designar a linguagem dos marginalizados, próximo da definição moderna de gíria. Portanto, era o tipo de fala dos pedintes, ladrões e vigaristas, praticamente incompreensível para o cidadão comum. Uma “antilinguagem” de uma contracultura ou uma linguagem para marginais.

Nesse sentido, o termo foi criado para depreciar a língua dos outros, como se fosse um gargarejo. Tal noção de desprezo não é nova, os gregos já usavam *barbaroi* para retratar aqueles que não sabiam o idioma, não sendo capazes de produzir mais do que sons incompreensíveis para os ouvintes helênicos.

A crítica ao *jargão* está ligada ao modelo da gramática normativa, imposto por uma minoria, normalmente elitizada e preconceituosa, que o vê como uma deformação da língua, ou seja, defende-se o cânon ou pureza de um grupo que impôs um modelo “puro” vernáculo que rejeita o *jargão* dos outros grupos.

Dependendo do contexto, o *jargão* também pode ser considerado uma língua simplificada ou de comércio. O saber dessas línguas tornou-se mais notório entre séculos XVI e XVII. Burke (1997) cita que na Inglaterra o *cant* passou a referir-se também à linguagem dos filósofos escolásticos que, provavelmente estavam sendo considerados vigaristas. O termo passou também para grupos religiosos, como os quacres e os punitanos.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Sabemos que muitos grupos tendem a criar seus próprios jargões. Isso não está restrito somente às profissões, mas também aos esportes, especialmente depois de sua institucionalização.

Durante um bom tempo os jargões eram estudados como um conteúdo de mera curiosidade, mas especificamente até o século XIX, quando do surgimento da Linguística. No entanto, quando foram feitas tentativas de definir o *jargão* e a *gíria*, observou-se que são línguas que servem como um tipo de suplemento ao vernáculo e não como uma alternativa do idioma.

A língua dos religiosos, mais especificamente a dos primeiros cristãos, deu o pontapé inicial aos estudos sociolinguísticos, antes mesmo de ter essa nomenclatura. Em outra direção, na Primeira Guerra Mundial surgiram vários estudos dedicados à *gíria* dos soldados, além dos estudos sobre o jargão dos estudantes, definindo os *jargões profissionais*, consequentemente distinguindo o *pidgin* e o *crioulo*.

Grupos secretos (como a maçonaria) têm a necessidade de utilizar uma língua que seja entendida somente pelos seus membros. Isso quer dizer que o uso do jargão por um grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão.

É importante perceber que para Câmara Jr. (1986, p. 127) *gíria* e *jargão* seriam basicamente a mesma coisa. Ele cita Marouzeau (1943, p. 36) quando diz que o jargão/*gíria* é “fundamentado num vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes”.

Câmara Jr. (1986, p. 127) ainda fala da *língua especial*, que trata de um simples vocabulário técnico, sem intenção de estilo do grupo. O que é diferente do jargão/*gíria*, já que, num sentido amplo, ela representa um conjunto de vocábulos que generalizam o estilo de um determinado grupo. No caso dos evangélicos, podemos notar que é utilizada para se fazer a distinção de outros, portanto a definição de *Língua Especial* não se aplica, mas sim de jargão.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1. Sobre os evangélicos

Os evangélicos representam o segmento religioso que mais cresce no Brasil. O ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) sugere que o número de evangélicos gira em torno de 13% da população, chegando a 20% em alguns estados, como o Rio de Janeiro. Para os pessimistas, o percentual nacional seria de 11% e para os otimistas, 22 %.

De qualquer forma, o crescimento é bem alto. Temos evangélicos em todas as classes sociais: famosos, anônimos, cantores, médicos, professores, estudantes, políticos, motoristas, ambulantes, cientistas. Segundo Freston (1994), já tivemos até mesmo um presidente evangélico: Ernesto Geisel.

É importante salientar que existem basicamente dois grupos evangélicos: (1) os tradicionais (protestantes), como os batistas, os presbiterianos, os congregacionais e outros; e (2) os carismáticos (pentecostais), como a Assembleia de Deus, Nova Vida, Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus. O primeiro grupo possui uma liturgia mais próxima da europeia, com um culto em alguns sentidos parecido com o católico, refletindo sobre o texto bíblico. O segundo grupo dá ênfase às emoções e manifestações sobrenaturais. Às vezes, alguns grupos protestantes tornam-se pentecostais, como as igrejas batistas renovadas, presbiterianas independentes e outras, mas raramente um grupo pentecostal se torna histórico (protestante).

Nos últimos anos, tem crescido uma teologia vinda dos EUA de qualidade bastante duvidosa, a chamada Teologia da Prosperidade, que enfatiza a riqueza, a saúde, os milagres, a fé e, infelizmente, o dinheiro dos fiéis.

Essa teologia foi praticamente banida dos EUA, exceto nas redes de televisão, mas em países de Terceiro Mundo tem produzido muito estrago. Pessoas que vêm buscar nas igrejas alívio para o sofrimento encontram esperança, mas nem sempre um ambiente saudável, com gente dando cada vez mais para alcançar as bênçãos, num tipo de capitalismo cristão moderno, sem nenhum compromisso ético.

Com a missão de expandir a fé, notamos o quanto os grupos evangélicos (protestantes e pentecostais, ligados ou não à Teologia da Prosperidade) investem na divulgação: são programas de televisão

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

durante praticamente todo o dia, em rádios AM e FM, com pregações e músicas cristãs 24 horas por dia, sete dias da semana. Utilizam-se também de *outdoors*, faixas, camisas, “cruzadas” em praças públicas e mais meio mundo de coisa. É principalmente neste ambiente que encontramos as frases típicas do grupo.

2. Sobre o discurso dos evangélicos

É curioso notar que boa parte do discurso evangélico está baseada num livro que terminou de ser escrito a cerca de 2000 anos, a Bíblia, num ambiente bem diferente do nosso, em países diferentes do nosso e com muitos símbolos e metáforas.

Um exemplo, obviamente, estereotipado, que gostamos de citar é o de uma frase do Senhor Jesus que dizia “Em verdade, em verdade vós digo que...”. A forma enfatiza a palavra *verdade* com a intenção de confirmar que é real o que ele diz, ou seja, seria como dizer o seguinte “o que vou dizer é verdadeiro mesmo, e eu tenho autoridade para dizer...”.

Agora imaginemos, um jovem evangélico pedindo uma moça em namoro. Provavelmente ele poderia dizer algo “meio fora de contexto”, se não tivesse bom-senso. Algo como, “Em verdade, em verdade, te digo, que estou afim de vós (sic)”. É claro que é um exemplo exagerado e risível, até mesmo pelo uso equivocado das formas pronominais “te” e “vos”, mas serve para ilustrar o uso de um estilo fora de seu contexto.

“Varão, o culto foi um fluir de Deus. Estava todo mundo no óleo. Só tinha vaso de bênçãos!” Se você é minimamente acostumado com as igrejas evangélicas, certamente já ouviu diálogos assim. Trata-se do popularmente chamado *evangeliquês*, conjunto de jargões usados por cristãos que, na falta de termos para descrever suas experiências espirituais, preferem criar suas próprias expressões. Como foi dito anteriormente, esse discurso é quase ininteligível para quem é do mundo (aqueles que não fazem parte do segmento evangélico).

O glossário evangélico é mais rico no segmento pentecostal, onde a espontaneidade dos cultos e a maior abertura para manifesta-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ções sobrenaturais criam toda sorte de situações inusitadas. “Levita”, por exemplo, não é conjugação do verbo levantar. Trata-se do cristão que exerce alguma atividade ligada à música congregacional, seja cantando ou tocando instrumentos. E “entrar na carne”, expressão usada para classificar o crente pouco zeloso pela vida reta? Um ouvinte menos avisado poderia pensar que se trata de um churrasco na casa do vizinho. Bem mais difícil de entender é o “mover de Deus”, que significa que Deus está agindo de maneira mais efetiva e marcante no meio do povo.

Criativas e meio esquisitas, as gírias evangélicas surgem para descrever situações vividas, quase sempre, nos cultos. Brados, interjeições e onomatopéias curiosíssimas são passadas de boca em boca, mesmo com bases teológicas e hermenêuticas eventualmente questionáveis.

Isso não é um privilégio somente dos evangélicos. É comum que pessoas que formam segmentos sociais ou exercem a mesma profissão tenham um vocabulário próprio. É uma forma de identificação e, em alguns casos, afirmação. O evangélico que manifesta muitos dons espirituais, por exemplo, costuma ser chamado de “irmão de poder” – o poder, no caso, é o de Deus, que age por intermédio daquele indivíduo. Algumas expressões já se tornaram clássicos do jargão evangélico, como “Tá amarrado” – empregado, geralmente, para repreender uma atitude considerada pouco cristã ou mesmo exorcizar um demônio –, “Misericórdia” (interjeição usada diante de uma situação ruim).

Os jargões evangélicos surgiram a partir do uso do texto sagrado da Bíblia, escrita em outra cultura, num outro tempo e por outro povo. O uso frequente faz com que se utilizem tais expressões como identidade do grupo. São formas vernaculares que boa parte da população desconhece. É necessário cuidado no uso recorrente desse tipo de vocábulo, pois abuso no emprego de jargões cria uma barreira entre cristãos e não cristãos, inclusive com um vocabulário que identifica aqueles que dominam e os que não dominam o falar “espiritual”.

Há ainda uma ligação entre a teologia da prosperidade e o uso de alguns tipos de expressões, que são usadas fora do contexto correto. Elas fazem parte do contexto de Israel no Velho Testamento e a-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cabam brandidas de forma irresponsável, deturpando seu significado original, como aquela que diz que os cristãos “são cabeça e não cauda”.

De fato, é das páginas do Antigo Testamento que surgem muitos verbetes do evangeliquês. “Golias”, por exemplo. Segundo a Bíblia, esse era o nome de um gigante filisteu que afrontava o povo de Israel. Ele foi morto em combate, de maneira heroica e milagrosa, por Davi. Hoje, quando os crentes falam em “golias”, geralmente estão se referindo a uma situação perigosa ou ameaçadora

Os jargões são parte da identidade evangélica, e não usá-los é praticamente impossível para os crentes. As conversas, os textos bíblicos e os cânticos evangélicos estão impregnados com esses termos. Sem contar as palavras que ganharam certo *status*: “Gospel”, por exemplo, é a palavra inglesa para evangelho, e durante muito tempo designou a música cristã negra americana. Mas, de uns tempos para cá, vem sendo utilizada e larga escala para caracterizar tudo o que diz respeito aos evangélicos, sobretudo à música. Outra expressão popularíssima, “Deus é fiel”, pode ser encontrada numa infinidade de produtos, como camisetas, canetas, adesivos para carro, agendas, gerando uma verdadeira indústria. Tanto é que “Gospel” e “Deus é fiel” viraram marcas registradas e licenciadas pela Igreja Renascer em Cristo, uma denominação neopentecostal com sede em São Paulo.

Mas a maioria dos termos do evangeliquês são usados espontaneamente, para definir uma característica pessoal ou um estado de espírito. Quando se fala em “vaso”, por exemplo, o evangélico se refere à pessoa que costuma, por meio de dons espirituais, ser usada por Deus. É uma associação com algumas passagens bíblicas que falam em vasos e oleiros, sempre no sentido de plenitude espiritual. E é ao “vaso” que muitos recorrem para pedir oração ou conselhos. Abaixo, listamos alguns dos *jargões* mais usados:

- Avivalista: É aquele pregador que anima a igreja com suas mensagens.
- Cajado puro: Quando o pregador é duro no seu discurso contra o pecado ou a acomodação da igreja.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- Do mundo: Diz-se acerca das pessoas que não são evangélicas. Também designa atitudes, situações ou lugares evitados pelos evangélicos.
- Espinho na carne: É qualquer dificuldade na vida do crente.
- Fogo: É o símbolo do poder do Espírito Santo. O evangélico que brada: “Derrama fogo, Senhor!” não é um incendiário. Ele está apenas pedindo que Deus mostre seu poder.
- Gospel: É quase sinônimo de evangélico; assim, temos música gospel, eventos gospel, indústria gospel, shows gospel etc.
- Ímpio: É o não evangélico, aquele que não segue a Jesus.
- Inimigo: O diabo. Eufemismo usado para evitar o uso de termos como demônio ou Satanás.
- Levita: Geralmente, é o indivíduo que se dedica ao louvor congregacional.
- Ministério: É a atividade, geralmente voluntária, exercida pelo evangélico na igreja.
- No Espírito: Diz-se do ato de pautar as atitudes de acordo com a vontade divina.
- Na carne: O contrário de “no Espírito”. Significa que a pessoa está sendo motivada por seus próprios interesses.
- Obra: É apenas uma forma de se chamar qualquer serviço prestado à causa evangélica.
- Ô, glória!: É um brado de entusiasmo, empregado em situações de alegria ou êxtase espiritual.
- Queima, Jesus!: Interjeição típica dos pentecostais. É empregada para repelir qualquer situação considerada pecaminosa ou oposta à vontade de Deus.
- Repepé: Reunião avivada, onde o poder de Deus se manifesta. Trata-se de uma onomatopeia das línguas estranhas que os pentecostais atribuem a um dom do Espírito Santo.
- Sair do Egito: Significa deixar para trás alguma provação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- Subir o monte: Ato de buscar a Deus de maneira intensa. É inspirada no Antigo Testamento, onde homens, como Moisés, subiram montes para ficar face a face com Deus. Por vezes, tem significado literal: evangélicos sobem montes para orar.
- Tá amarrado!: Famosa expressão usada para anular as forças das trevas. Também pode ser empregado para esconjurar pessoas ou situações contrárias à vontade de Deus.
- Tribulação: Período de dificuldades na vida do evangélico.
- Tomar posse da bênção: Expressão característica da chamada confissão positiva ou teologia da prosperidade. É a atitude do evangélico que, pela fé, age como se já tivesse recebido o esperado benefício divino.
- Varão: O mesmo que homem.
- Vaso de bênção: Evangélico dedicado ao ministério da oração ou usado por Deus com manifestações sobrenaturais.
- Voto: É o compromisso ou pacto feito com Deus.

3. Conclusão

O objetivo do trabalho foi descrever um pouco sobre a cultura evangélica e de como ela se manifesta no discurso. Rico em vocábulos extraídos do texto bíblicos e nas traduções antigas, utilizando palavras que não são muito comuns para a maioria dos falantes, uma das formas de se sentir aceito e fazendo parte do grupo é através da incorporação desse discurso.

Sua utilização pode gerar uma grande dificuldade de comunicação quando o outro não é conhecedor do significado específico de certos vocábulos, promovendo a antítese daquilo que é o desejo da fé evangélica – a divulgação de sua fé.

Por outro lado, em alguns momentos, o desejo de se manter isolado do restante do mundo (kosmos), provocado por algum tipo de perseguição religiosa, leva ao discurso que mais se parece com o gorjeio, principalmente no interior do Brasil, essencialmente católico, no passado.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Além disso, o jargão evangélico serve também para complementar nosso vernáculo. Seu estudo torna-se relevante graças à amplitude do grupo na atualidade, assim como pelo transbordamento do seu uso que já não está tão restrito à religião.

Por questão de espaço não pudemos usar todas as palavras coletadas até o momento. Esperamos que o trabalho possa ser lido e criticado para melhorarmos na próxima publicação sobre o assunto.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA online: a maior biblioteca da Bíblia em CD-ROM no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BÍBLIA sagrada, A. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BÍBLIA sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

BÍBLIA vida nova. 17. ed. São Paulo: Vida Nova, 1993.

BÍBLIA. Versão revisada. 8. imp. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1992.

BOYER, O. S. *Pequena enciclopédia bíblica*. 20. imp. São Paulo: Vida, 1983.

BURKE, Peter, e PORTER, Roy (Org). *Línguas e jargões*: contribuições para uma história social da linguagem. Tradução Álvaro Luiz Hattner. 1. reimp. São Paulo: UNESP, 1997.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. R. P. Sheed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

ROMERO, Paulo. *Evangélicos em crise: decadência doutrina na igreja brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.